

Edição v. 45
número 1 / 2026

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 45 (1)
jan/2026-abr/2026

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

‘Homem fica lindo grávido’: uma análise de performatividades de masculinidades e paternidades de pessoas que gestam no Instagram

‘Man looks beautiful pregnant’: an analysis of performativities of masculinities and fatherhood of people who gestate on Instagram

CLARISSE CASTRO CAVALCANTE

Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: clarissecastrocavalcante@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3883-2166>

KÁTIA LERNER

Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: lerner1313@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3655-9677>

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

CAVALCANTE, Clárisse Castro; LERNER, Kátia. ‘Homem fica lindo grávido’: uma análise de performatividades de masculinidades e paternidades de pessoas que gestam no Instagram. **Contracampo**, Niterói, v. 45, n. 1, p. 01-17, jan./abr. 2026.

Submissão em: 21/10/2025. Revisor A: 15/12/2025. Revisor B: 21/12/2025. Segunda rodada - Revisor A: 27/02/2026. Aceite em: 27/02/2026.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v45i1.69629>

Resumo

Este estudo investiga como pessoas transmasculinas que vivenciam a gestação constroem e expressam suas masculinidades e paternidades por meio de performances no Instagram. Ancorado no campo dos Estudos de Gênero e da Comunicação, o artigo analisa as formas pelas quais essas experiências desafiam os regimes normativos de gênero, corporeidade e parentalidade, ao tornar visíveis corpos grávidos masculinos em plataformas digitais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, realizada entre outubro de 2024 e fevereiro de 2025, com base na análise de 14 publicações e 23 comentários de perfis públicos identificados pela hashtag #pessoasquegestam. A partir de autores como Butler, Lauretis e Foucault, o artigo discute o Instagram como dispositivo performático de visibilidade, no qual a exposição desses corpos opera como gesto político e simbólico de afirmação identitária. As imagens e legendas revelam processos simultâneos de tornar-se homem e tornar-se pai, evidenciando masculinidades híbridas que conjugam vulnerabilidade e resistência. Conclui-se que as redes sociais funcionam como espaços de disputa discursiva e reconhecimento, nos quais pessoas trans elaboram novas possibilidades de existência e de parentalidade, questionando fronteiras entre maternidade e paternidade e ampliando o repertório simbólico das experiências humanas de cuidado.

Palavras-chaves

Gênero; Performatividade; Masculinidades; Paternidade; Redes sociais.

Abstract

This study investigates how transmasculine people experience pregnancy construct and express their masculinities and fatherhood through performances on Instagram. Grounded in the fields of Gender Studies and Communication, the article analyzes how these experiences challenge normative regimes of gender, embodiment, and parenthood by making pregnant male bodies visible on digital platforms. This is qualitative and exploratory study was conducted between October 2024 and February 2025, and is based on the analysis of 14 posts and 23 comments from public profiles identified by the hashtag #peoplewhopregnant. Drawing on authors such as Butler, Lauretis, and Foucault, the article discusses Instagram as a performative device of visibility, in which the exposure of these bodies operates as a political and symbolic gesture of identity affirmation. The images and captions reveal simultaneous processes of becoming a man and becoming a father, highlighting hybrid masculinities that combine vulnerability and resistance. The study concludes that social networks function as spaces of discursive dispute and recognition, where trans people elaborate new possibilities of existence and parenthood, challenging boundaries between motherhood and fatherhood, and expanding the symbolic repertoire of human experiences of care.

Keywords

Gender; Performativity; Masculinities; Paternity; Social networks.

Introdução

Foi pela linguagem que nasceu em nós o interesse de pesquisar corpos grávidos transmasculinos, mais precisamente pela expressão ‘pessoas que gestam’, defendida e popularizada pela Deputada Federal e mulher trans Erika Hilton, no parlamento brasileiro, durante o debate em torno do Projeto de Lei 1904, popularmente conhecido como ‘PL do Estuprador’. Tendo surgido nesse contexto político como uma reivindicação para a proteção de pessoas trans que engravidam, a expressão fazia o movimento de ampliar as acepções em torno das questões de reprodução, diretamente, e parentalidade, indiretamente, no cenário brasileiro. Reprodução porque sua existência significava que falar ‘mulheres e meninas’ nos protestos em curso não dava conta de abarcar todas as experiências possíveis no que se refere à gestação, nascimento e aborto. E de parentalidade porque a gestação de uma criança se configura também, potencialmente, como a ‘gestação’ de alguém que será o responsável direto por assegurar os seus primeiros cuidados, papel ocupado quase sempre por alguém designado como ‘mãe’ ou ‘pai’.

Como pesquisadoras do campo de Comunicação e Saúde, com recorte específico em cuidados gestacionais e políticas públicas de pré-natal e nascimento, fomos fisgadas por um estranhamento provocador, pois havia na expressão ‘pessoas que gestam’ uma representação diferente das quais estávamos acostumadas. Talvez não se tratasse de uma narrativa necessariamente nova, mas percebemos que era dissidente de uma lógica testemunhada durante pesquisas anteriores¹: a majoritária e aparentemente unânime presença de mulheres cis/heterossexuais nas salas de espera dos serviços de saúde, em busca de atenção à gestação e preparação para o parto. Não havia naqueles cenários dos serviços de saúde nada fora do normalizado, do previsível, do fenômeno que ocorre desde que o conhecimento científico ocupou seu lugar de referência na gestão e medicalização do corpo, ainda que com seus graus diversos de impregnação ou resistência. Em termos de identidade de gênero, não havia tensão evidente.

Mas quem são as pessoas que gestam, além das mulheres cis? Se não estamos falando de mulheres e meninas, estamos falando de quem? Do ponto de vista das ciências naturais e da saúde, pessoas que gestam são todas aquelas que possuem as condições necessárias para engravidar e parir - útero, trompas, ovários, vagina - entre elas as mulheres cis e os homens trans, transmasculinos (es) e pessoas não-binárias que não realizaram histerectomia ou outras alterações que as impossibilite de produzir uma gestação. Mas como dissociar um corpo grávido de um possível gênero feminino, diante de todo um conjunto de artefatos e tecnologias que trabalham justamente para feminilizar esse corpo cotidianamente? Para produzi-lo, concreta e simbolicamente?

Para alcançar uma perspectiva onde o significado das ‘pessoas que gestam’ se materializasse em imagem, fizemos a busca pela expressão no *Google*, como exercício exploratório, que nos levou à matéria sobre o parto humanizado de Yuval Topper Erez², morador do Reino Unido, ilustrada pelas fotografias daquele acontecimento. Naquelas imagens havia um sujeito de barba e pêlos por todo o corpo, com seios mastectomizados, que experienciou em sua casa, numa piscina de plástico, a fase expulsiva de seu trabalho de parto, culminando com a chegada de seu terceiro filho, no ano de 2020. Ali existiam todos os elementos presentes nas cenas - e performances - de parto humanizado que crescentemente coloriram as redes sociais nos últimos anos: registros de dor, apreensão, concentração, alegria, companheirismo, família, além de sangue, suor e lágrimas. Com uma diferença fundamental para a ressignificação de nosso imaginário: tratava-se de um homem parindo, e não de uma mulher.

A partir daquele momento, estávamos inseridas num universo de múltiplas camadas: o das pessoas trans gestantes que estão mostrando seus corpos grávidos nas redes sociais. Assim, em contraste

1 Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43832>. Acesso em: 12 mar. 2026.

2 Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/23/transgenero-israelense-divulga-fotos-do-parto-precisamos-normalizar.htm>. Acesso em: 27 jan. 2026.

com as ausências relatadas em campo anteriormente, as fotografias de Yuval revelaram um universo para nós e para milhares de leitores; e viajaram o mundo, compartilhadas tanto por veículos midiáticos quanto por pessoas diversas, em suas próprias redes sociais, provocando reações acaloradas dos mais diversos tons. Uma rápida leitura nos comentários de um desses *reposts*³, feito por uma professora e biomédica brasileira, nos apresenta através das interações os numerosos estranhamentos diante da cena. *Não é homem, é mulher!; Por onde saiu a criança?; Fim do mundo!;* e até um *É fake news!* eram algumas das opiniões e dúvidas presentes por meio de discursividades morais, religiosas, pseudo-científicas etc. que emergiam de leitores do conteúdo, muitas vezes vindas de perfis nos quais era impossível identificar gênero ou sexo, posto que disfarçados sob apelidos e avatares codificados. No mesmo espaço, também era possível identificar mensagens de leitores pedindo respeito, ou mesmo declarando apreço pelo conteúdo, ainda que em menor quantidade.

Na relação postagem-texto da legenda-comentário percebia-se uma espécie de tensão no ar, de embaralhamento entre o que havia nas imagens e as memórias já culturalmente e midiaticamente sedimentadas de outras representações sociais, das mulheres em suas cenas de pré-natal e de parto. Parecia-nos que uma fronteira havia sido cruzada, cujas bordas se apresentavam entulhadas de noções sobre o que é possível e o que não é no que se refere à gestação, do ponto de vista biológico; sobre o natural e o artificial, ou melhor, o modificado, já que todas as realidades são, de alguma maneira, construídas; sobre os gêneros declarados e a expectativa diante de seus papéis; entre outras questões. Como podia um sujeito 'tão homem', tão masculino em sua aparência, ser autor de um parto 'tão normal', cujas imagens circulavam o mundo, tornando-se referência para pesquisadores, jornalistas, outras pessoas trans, ou mesmo pessoas leigas, comuns?

E é justamente sobre essa sensação, essa impressão de fronteira, que já não se pode impor como absoluta, que apresentamos este trabalho. Tomando como referência o cenário brasileiro, identificamos que essas pessoas, ausentes por um lado, se faziam presentes em locais específicos, como as redes sociais/plataformas digitais, onde marcavam de forma particular a sua existência. Nossa questão tornou-se, então, compreender como as pessoas que gestam se apresentam nas redes sociais, mais especificamente no Instagram, e como isso mobiliza as construções sociais de gênero a partir do que elas dizem e também daquilo que é dito sobre e para elas, em alguns comentários e interações.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo e exploratório, que se utiliza de conhecimentos teóricos produzidos no campo dos estudos de Gênero e da Comunicação, para analisar publicações de pessoas que gestam no Instagram, focando especialmente em imagens de corpos grávidos, nos textos (legendas) que as acompanham e nos comentários de leitores sobre essas imagens. Ao longo de cinco meses, entre outubro de 2024 e fevereiro de 2025, coletamos relatos produzidos por pessoas autodesignadas transgêneras, brasileiras, que publicaram imagens de si em seus perfis pessoais, e também alguns dos comentários publicados por leitores de tais postagens, observando dois movimentos: como os sujeitos constroem seus gêneros por meio de imagens e textos no Instagram; e como tais conteúdos são recebidos e avaliados pelo público que os acompanha.

A pesquisa exploratória realizou-se a partir de algumas estratégias: 1) a busca no campo de pesquisa do Instagram pela hashtag 'pessoas que gestam' (#pessoasquegestam), identificando contas públicas que passamos a seguir e acompanhar; 2) a exploração de indicações fornecidas por colegas, que enviaram links de perfis quando explicamos sobre a pesquisa, que também passamos a seguir quando se tratavam de contas públicas; e 3) a busca de novos perfis a partir da leitura dos comentários nos perfis

³ Disponível em: https://www.facebook.com/TudoSobreGravidezMaternidade/posts/3049525815137170?ref=embed_post. Acesso em: 11 abr. 2025.

visitados, identificando também se tratarem de pessoas trans com alguma experiência exposta no que se refere à gestação. Como critério de corte, foram excluídas contas de empresas ou instituições com alguma interlocução relacionada à temática, mas sem relatos autobiográficos de gestação; e também as contas de pessoas trans com relatos relacionados à gestação, mas que não foram propriamente as pessoas gestantes, portanto não publicaram imagens de seus próprios corpos grávidos.

A partir da identificação dos sujeitos da pesquisa, realizou-se o exercício de escolher e separar as imagens publicadas dos corpos grávidos, observando suas formas de produzir narrativas sobre si demarcadas pelas experiências da gestação no contexto da transgeneridade, se relacionando com as lógicas impostas pelas plataformas, fazendo emergir discursos pessoais e políticos sobre gênero, sexualidade e parentalidade. Depois, foi realizada a leitura de todos os comentários de cada uma das imagens, separando aqueles que mais substancialmente carregavam opiniões sobre os conteúdos, fazendo dessas interações espaços significativos de tensão e circulação de discursos.

Importante destacar que a relação com o material de pesquisa ocorreu levando em consideração a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes, ou de informações identificáveis, ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. No caso desta pesquisa, por se tratarem de materiais coletados em perfis públicos, portanto mapeáveis por quaisquer usuários do Instagram, caracterizando-se como informação pública disponível, não foi necessária a submissão e aprovação do projeto em Comitê de Ética específico. Ainda assim, tomamos cuidado para não incorrer em qualquer possibilidade de identificação dos sujeitos através desta pesquisa, utilizamos o recurso de borrar imagens de rostos, nomes e localização das publicações.

No total, trabalhamos com 14 publicações, de 10 pessoas gestantes, além de 23 comentários, cujos prints mais significativos, de acordo com os objetivos da pesquisa, aparecerão no corpo do texto.

Gênero, Performatividade e Plataformas Digitais

Os estudos de gênero e sexualidade têm como princípio a ideia de que gênero é uma construção sócio-cultural, e como tal, que sua existência depende da relação que todos estabelecemos com as referências simbólicas e materiais que nos interpelam consciente ou inconscientemente, em nossos distintos contextos (Rubin, 1993; Lauretis, 1994; Scott, 1990; Piscitelli, 2009). Da mesma forma, autores apontam que também o corpo é construído culturalmente, e sua materialidade é tão permeável à cultura quanto o gênero (Foucault, 1977; Laqueur, 2001; Sarti, 2001). Como explica Sarti (2001, p.4), “o social não atua ou intervém sobre um corpo pré-existente, conferindo-lhe significado. O social constitui o corpo como realidade, a partir do significado que a ele é atribuído pela coletividade. O corpo é “feito”, “produzido” em cultura e em sociedade”. Assim, quando dizemos que somos homens, mulheres ou pessoas trans, ou quando dizem isso de nós, significa que nos tornamos sujeitos assim designados porque vivemos e somos regidos por normas de engendramento decorrentes de processos que são, sobretudo, sócio-culturais, históricos, psíquicos, para além de biológicos.

Este fenômeno, que Rubin (1993) denominou de sistema sexo-gênero, se materializa por meio de práticas culturais que intervêm em nossas subjetividades, transformando nossa sexualidade em produtos da atividade humana a serem consumidos, explorados ou mesmo descartados. Neste sentido, podemos tomar como válido que tudo aquilo que entendemos por *feminilidade* ou *masculinidade* não surge ou nos é simplesmente dado biologicamente, mas produzido socialmente, por meio de diversos aparatos e normas sociais. O modo como estes aparatos se articulam na prática relaciona-se ao que Lauretis (1994) nomeou de tecnologias de gênero: instrumentos e mecanismos através dos quais o sistema sexo-gênero é continuamente produzido, reproduzido e naturalizado. Dos aparelhos ideológicos do Estado às novas

plataformas sociais, ou mais concretamente, das velhas estruturas de poder como a Igreja, a Escola e a Família, às instituições e sistemas modernos de produção de conhecimento científico e interações midiáticas, vamos nos movendo com maior ou menor autonomia, de modo a constituir nossas próprias identidades e representações sociais. Para Lauretis não existe uma representação que seja o resultado final de um processo de interação entre pessoas e dispositivos, mas uma representação que é a própria construção de si.

Um dos principais modos de construir os gêneros se dá por meio daquilo que Butler (2021) nomeia como performatividades, como modos de elaboração e atualização contínua de nossa própria identidade. Para a autora, sendo o gênero algo muito mais relacionado ao que se faz, e não ao que se é, com práticas culturais cotidianas e não com essencialismo, o modo como percebemos e definimos nossos gêneros resulta de uma combinação complexa de repetições de comportamentos, gestos e atos de linguagem regulados pelas normas e padrões heterossexuais, em conformidade ou em resistência às mesmas. Tal dinâmica acaba por gerar a impressão, ou mesmo a sensação, de que existe uma estabilidade nas expressões de gênero e nos papéis sociais que elas reproduzem. Para a autora, contudo, o gênero deve ser compreendido como um “artifício flutuante”, de modo que o sujeito não pode ser rigidamente aprisionado à materialidade, uma vez que “os corpos nunca cumprem completamente as normas pelas quais se impõe sua materialização” (Butler, 2021, p. 21).

Com as pessoas que gestam, essa flutuação, esse descumprimento do esperado, essa desestabilização na identidade, se torna mais evidente, porque as construções sociais do que se entende por masculino e feminino tais como concebidas na modernidade (Laqueur, 2001) foram subvertidas. A ideia da mulher como ser mais próximo à natureza, em que sua vocação originária – gestar, parir, amamentar – é um destino inelutável entra em crise, uma vez que abre-se a possibilidade para que um homem trans apresente-se (e assim possa ser reconhecido) como o genitor⁴. Mas este é um imaginário social em disputa, uma vez que esta crença de que gravidez é coisa de mulher fundamenta-se numa profunda idealização dos papéis de gênero, historicamente construída dentro do próprio sistema sexo-gênero, que disse ao longo dos séculos que o lugar da mulher é o da reprodução, enquanto o lugar do homem é da produção. Conforme aponta Peçanha (2015), o tipo de corpo que caracteriza a gravidez é sempre associado a tudo aquilo que é feminino. Na mesma direção, Pereira (2021) afirma que gravidez e masculinidade estão em polos opostos no imaginário social, sendo a gravidez talvez a principal diferença no senso comum entre homens e mulheres cis.

A construção da ‘pessoa que gesta’ modula-se, assim, a partir de um permanente tensionamento entre a identidade masculina que se está construindo e todas as transformações que o corpo vai impondo, com o decorrer da gravidez: as formas que novamente se arredondam e avolumam, as consequências corpóreas da suspensão da hormonização masculina, a crise individual e também cultural na atribuição e na interpretação de papéis sociais. Um fenômeno que pode ser compreendido como uma negociação, onde corpo e gênero vão se modulando mutuamente de modo a elaborar subjetividades que estarão sempre em movimento, uma vez que as performatividades não são atos únicos, mas contínuos. Neste sentido, vale refletir sobre o papel das redes sociais na engrenagem permanente desse sistema sexo-gênero, como um efervescente mercado simbólico de produção/ negociação/ desmanche de nossas expressões. Neste modelo, “a comunicação opera ao modo de um mercado, onde os sentidos sociais bens simbólicos são produzidos, circulam e são consumidos” (Araújo, 2004, p.167). A mercadoria negociada por quem participa desse mercado corresponde ao “seu próprio modo de perceber, classificar e intervir sobre o mundo e a sociedade em busca de poder simbólico, o poder de constituir a realidade” (Idem).

4 Importante sinalizar que embora genitor seja uma palavra que existe para referir-se a pessoas que geram outras pessoas, portanto homens e mulheres, seu uso tradicional (e quase exclusivo) ocorre em referência às mulheres que gestam, funcionando como um importante marcador de vínculo - cultural e biológico - nas relações de parentalidade.

Terra (2021, p. 43) define o Instagram como um “dispositivo estratégico para investigar as relações construídas com e através de imagens no âmbito das redes de sociabilidade atuais”. Conforme argumenta o autor, nas plataformas digitais contemporâneas, não é apenas a imagem que assume posição central, mas também a possibilidade de o sujeito construir e exibir uma autoimagem passível de manipulação técnica, estética e de alcance mensurável. Essa autoimagem, no ambiente midiático e virtual das redes sociais, integra de modo significativo a experiência existencial do indivíduo, que passa a se relacionar com uma dimensão identitária, de subjetividade, mediada pela lógica do *eu-imagem*. Como um fenômeno cultural característico do século XXI, quando a publicização do privado desloca a produção de subjetividades da esfera íntima para o universo da web 2.0, estas novas formas de autoconstrução resultam da convocatória de novas relações de poder comunicacionais, que apelam permanentemente para que as pessoas se mostrem, se exponham, falem de si, e assim alimentem tanto essas possibilidades relacionais quanto o mercado simbólico e também financeiro que se estabelece em torno delas. Conforme aponta Sibilia (2008, p.27), “a rede mundial de computadores tornou-se um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades”, fazendo nascer “formas inovadoras de ser e estar no mundo”.

Uma forma de refletirmos sobre este fenômeno de produção de subjetividades em rede é compreender as plataformas digitais, e o Instagram mais especificamente, como ambientes contemporâneos de performance, considerando este conceito de maneira ampliada, como propõem os *Performance Studies*. Segundo Féral (2009) a partir de Richard Schechner, um dos fundadores desta escola de pensamento, performar não se reduz à encenação artística ou ao ato espetacular, teatral, mas constitui um modo de compreender a ação de um sujeito como prática social significativa, resultado da reunião de quatro grandes tipos de ação: ser, que é a própria existência; fazer, que refere-se à ação, à atividade de tudo o que existe; mostrar fazendo, ou seja, exibir a prática; e por fim explicar essa exposição do fazer, que acontece no âmbito das pesquisas e reflexões.

Considerando então o conceito de performance, o Instagram funcionaria como uma espécie de cena onde diversos elementos se conectam no processo de composição do ator-rede: imagens, roteiros, figurinos, plateia, interação, edição, remontagem. Assim, a identidade não seria expressa como uma essência, mas construída por meio de atos reiterativos — selfies, poses, narrativas — que constituem um ritual performático. Essas práticas, embora sejam representações, produzem efeitos reais sobre a maneira como os sujeitos se entendem e são reconhecidos socialmente, pois eles não só performam, mas também podem medir as respostas que recebem — curtidas, comentários, compartilhamentos — que retroalimentam e ajustam (ou não) suas ações. Como aponta Féral (2009, p.79), “quem diz mostrar, o diz em relação à alteridade. Necessariamente dirigida a alguém, a performance ocorre para alguém, para o olhar do outro que lhe analisa, lhe compara, aceita-a ou a bitola, por vezes, em relação aos critérios comuns (entre o performer e o receptor)”.

O performático, nesse sentido, fornece concretude à performatividade de gênero, que pode ser compreendida como o próprio processo desse fazer. Operando simultaneamente como ferramenta teórica e ponto de vista analítico orientado, a performatividade, de acordo com os *Performance Studies*, envolve tanto a construção da realidade compreendida como performance quanto a reconstrução reflexiva das etapas pelas quais essa construção se torna inteligível. Colocando essa perspectiva em diálogo com Butler (2021), podemos considerar que a performatividade diz respeito tanto à reiteração de normas quanto à sua atualização situada na ação dos sujeitos.

Tal dinâmica evidencia o componente relacional tanto da performance quanto da performatividade: a construção processual do gênero que se movimenta por meio da experimentação e da relação com o outro. Para experimentar é necessário experienciar — viver, interagir, mover-se, entender o gênero e a sexualidade em termos de ação/relação, e não mais em termos de essência e de padronização, embora sob hipótese nenhuma possamos nos considerar libertos das normas que nos organizam. Quando Butler

denuncia a crise na noção estática de identidade, como algo que um sujeito depreende de si e sustenta como uma definição subjetiva e impermeável, ela defende a ideia que gênero se faz a partir de ações individuais atuando por meio de negociações coletivas, de relações de poder entre sujeitos cujos corpos se constituem também em dimensões públicas — são feitos e desfeitos por nós mesmos e também pelos outros, em medidas que extrapolam as noções de essência e permanência nos sujeitos. Daí ser tão importante compreender a lógica dos atos que constituem os gêneros, e das performances que lhes dão formas.

É preciso lembrar, contudo, que tal caráter relacional é mediado, ou melhor, agenciado pelas próprias lógicas de governança e de datificação que organizam o funcionamento das plataformas digitais. Entendendo governança como “um conjunto heterogêneo de mecanismos e práticas de ordem técnica, política, jurídica e comercial que regulam seu funcionamento [da plataforma]” (Andréa, 2020, p.42), e datificação como essa capacidade extraordinária — matemática, estatística e também política — de transformar tudo em dados mensuráveis e consumíveis com diferentes objetivos, devemos considerar tais mecanismos como partes indissociáveis da produção dessas novas formas de sociabilidade e da construção de sentidos em torno das experiências de gênero narradas no Instagram. Ao publicar conteúdos de quaisquer espécies, e também ao interagir com esses conteúdos, os usuários das redes sociais assumem compromissos e responsabilidades muitas vezes de forma inconsciente. E tornam-se dados manipuláveis por estratégias algorítmicas cujo verdadeiro poder e funcionamento é ainda um grande mistério para quem se propõe a analisar criticamente seu funcionamento.

Tornar-se homem, tornar-se pai: tecnologias em processo e em disputa

Mas o que exatamente as pessoas que gestam estão disputando quando publicam imagens de seus corpos grávidos no Instagram? O que podemos perceber pelas postagens é que ao sustentar a presença dessas imagens, os homens genitores travam a primeira batalha simbólica/discursiva: a da afirmação de sua existência. Entendendo esse processo de produção — feitura da imagem, legenda, publicação dentro das regras da mídia social — como o acionamento e gerenciamento de um determinado circuito de tecnologia de gênero, compreendemos que o próprio ato de publicar essas imagens representa um desejo de reconhecimento dessas experiências como acontecimentos legítimos dentro dos processos de subjetivação em curso, tanto na perspectiva do próprio indivíduo, que se assume enquanto pessoa que gesta, quanto na perspectiva do reconhecimento do outro, que pode ou não chegar por meio das interações sociais. São gestações mostradas, que pedem para ser vistas, e que se colocam disponíveis ao olhar dos interlocutores, que também participam da produção de sentidos em torno dessas experiências por meio de curtidas e comentários.

Partimos deste ponto de inflexão levando em consideração as diversas histórias de pessoas que gestam que nunca chegarão nas redes sociais, mapeadas por Pereira (2022, p.81), que ao investigar representações sociais de gestação entre homens trans, depara-se com processos profundamente marcados por rejeições das mais diversas ordens, donde se articulam esforços de aceitação concomitantes a estratégias de ocultação da gestação pela ocorrência de um “processo de não reconhecimento de sua imagem enquanto homem”, que acabam por reforçar “os padrões e papéis de gênero atribuídos a gravidez como uma coisa feminina”. No intuito de sentirem-se minimamente seguros, os sujeitos mapeados por esse autor escondem suas barrigas dentro de roupas largas e casacos quentes, suas mamas por meio de faixas apertadas e que causam dor, dentre outras estratégias, produzindo uma passabilidade de seus corpos em espaços públicos por meio da invisibilidade das suas barrigas grávidas.

Aqui, pelo contrário, estes corpos se revelam. E uma vez presentes, expostos, tornam-se matéria-prima da construção simbólica e material da figura do homem genitor. Uma construção cercada de tensões já

apontadas por alguns autores que estudaram experiências gestacionais de homens trans (Monteiro, 2018; Nunes Pereira, 2021; Pereira, 2022), especialmente no que se refere a uma certa contradição marcante, porém meramente aparente: é homem e assumiu o desejo ou condição de gestante; está gestante e recusa a associação/determinação da adjetivação de mãe e do exercício da maternidade. Mas contradição sim, no sentido de ir ao desencontro da norma, usando estratégias imagéticas e discursivas para afirmar suas próprias existências e escapar das zonas de abjeção, dos espaços inabitáveis e não-vivíveis, onde são lançados sujeitos que não se encaixam nos padrões legitimados, na vida social. De acordo com Butler (2019), as performances de sexo-gênero que escapam às normas binárias e cisheteronormativas são relegadas a tais zonas, e nesses contextos os sujeitos não chegam a ser reconhecidos plenamente como sujeitos; e suas existências são fundamentalmente autorizadas apenas para delimitar os limites do que é considerado sujeito de direito e digno de reconhecimento. Mas os homens trans que expõem seus corpos grávidos estão justamente rompendo com esses contornos, com esses limites, e estabelecendo por meio das narrativas de si suas vivências e sua luta por direitos.

Assim, ao indagarmos sobre como os gêneros são performados/visibilizados na exposição da gravidez, observamos que as pessoas trans põem em curso dois grandes movimentos simultâneos: o de tornar-se homem e, ao mesmo tempo, o de tornar-se pai. Pelo o que pudemos perceber na análise dos conteúdos de todos os perfis, as pessoas que gestam aqui presentes já estavam construindo e performando suas masculinidades antes de engravidarem. E em algum momento de suas histórias, esses sujeitos que estavam transicionando, tornando-se homens, escolheram e/ou precisaram também incorporar em seus processos de subjetivação o ideário de homem genitor, de pessoa que gesta, incluindo a gravidez como parte deste processo masculinizador, assumindo estratégias de manutenção de um construto masculino, enfrentando o risco social inevitável do corpo *caminhar de volta* para seu estado entendido como natural, no sentido mais biológico possível.

Nas publicações presentes nos perfis dos sujeitos desta pesquisa, notamos que o processo de tornar-se homem, desde as primeiras postagens, vai sendo narrado a partir da escolha de uma estética masculinizadora, com a adesão desses sujeitos à utilização de diversos elementos ligados a um universo que aprendemos a interpretar como *coisas de homem*. Todos os sujeitos da pesquisa usam cabelos curtos; têm pêlos à mostra, espalhados pelo rosto e também pelo corpo — barba, axilas, barriga, pernas; usam peças de vestuário tais como bonés, calças largas, tênis, jaquetas, alargadores nas orelhas; e apresentam quase sempre muitas tatuagens pelo corpo. Tais modos de se vestir, de se *montar* para apresentar a própria imagem, escolhendo como aparecer, e mesmo o que deve ser mostrado de seus corpos, podem ser justamente considerados tecnologias de gênero, tanto quanto as modificações corporais mais intensas e duradouras, como a utilização de hormônios transexualizadores ou a realização de procedimentos cirúrgicos.

Moira (2017) considera que essas tecnologias de engendramento, servindo aos propósitos de construção de pertencimento a determinadas identidades, servem como estratégias de autodeterminação e também como estratégias de luta pela proteção dessas novas identidades. Para a autora, um homem trans, quanto mais perto se põe dos signos de masculinidade, mais perto também se põe, em tese, da legitimidade em torno dessa escolha, e de abrigar-se da transfobia, apagando, o máximo possível, os antigos signos de pertencimento ao gênero anterior. Nem sempre, diz Moira, haverá nas interações sociais tempo para explicações mais profundas sobre o que se é, tendo o próprio corpo que se fazer capaz de neutralizar equívocos.

Isso não quer dizer, de forma alguma, que nós efetivamente nos sujeitamos ou devemos nos sujeitar aos estereótipos cis, imitá-los à perfeição, para poder exigir que nos respeitem, que nos deixem em paz, [...] mas sim que existe todo um investimento na construção desse corpo, corpo que também é identidade, para diminuir o desgaste de ter que negociar, com quem interage com você, o que você é ou deixa de ser (Moira, 2017, p.368).

'Homem fica lindo grávido': uma análise de performatividades de masculinidades e paternidades de pessoas que gestam no Instagram

Ao publicarem imagens com suas barrigas grávidas, as pessoas que gestam seguem usando os mesmos recursos aparentes para manter essa estética masculinizadora em curso, para seguir afirmando sua autodeterminação de gênero, mas que vivencia com a gestação uma nova transformação. Na imagem a seguir, um homem branco, vestido com bermuda e jaqueta preta, com seios protegidos por um top/sutiã preto, pousa sério e encarando o interlocutor, para um book confeccionado num cenário urbano, composto de ferro e cimento, apresentando uma barriga que marca um estado avançado de gravidez. Da mesma forma, na imagem seguinte, um homem aparece sentado em posição confortável, de pernas abertas e dobradas, com a camisa levantada exibindo uma gestação já próxima ao termo, enquanto sorri e mira o horizonte.

Figura 1 – Imagem de pessoa transmasculina gestante, compondo uma estética masculinizadora



Fonte: Coleta de dados realizada pela autora (Instagram, 2025)

As legendas das imagens, contudo, revelam uma masculinidade que escapa da idealização da norma, quando apresentam homens que se emocionam, que falam de seus sentimentos, que expõem suas vulnerabilidades etc. Na legenda da primeira imagem, o homem fala sobre um ‘misto de sentimentos’, um ‘amor inexplicável’, uma ausência de preparação e também ausência de arrependimento — produzindo com uma aparente facilidade discursos costumeiramente presentes nas narrativas de mulheres cisgêneras, que usualmente revelam o universo íntimo de suas emoções quando contam suas experiências (Cavalcante, 2019). Destaque para o seguinte trecho da legenda: “Chegou o dia de me despedir da estética e curvas mais lindas que eu já tive, chegou o dia de dar adeus ao barrigão...”. Uma narrativa que nos remete à presença de uma certa ambiguidade, de um certo “masculino híbrido”, posto que embaralha e mistura signos, modos de dizer, não comumente partilhados por quem vive tradicionalmente modulado pelo gênero masculino idealizado.

O homem 2, que aparece sentado confortavelmente de pernas entreabertas, com uma calça moletom e uma camisa listrada levantada de forma a exibir a barriga, vai ainda mais longe, também escrevendo sobre suas emoções com a proximidade da chegada do bebê, mas expondo uma ainda maior vulnerabilidade. “A gestação é uma coisa muito louca né, uma hora você está transbordando amor, outra hora está transbordando ansiedade rs, de ontem pra hoje eu tive uma explosão de sentimentos, que me deixaram tão mal [...]”. Sarti (2001, p.6), citando a obra de Marcel Mauss, nos lembra que “os sentimentos constituem uma linguagem”. E que “as formas de expressão dos sentimentos não são naturalmente dadas, mas, [...] têm a obrigatoriedade dos fatos sociais”.

'Homem fica lindo grávido': uma análise de performatividades de masculinidades e paternidades de pessoas que gestam no Instagram

é feminino, mesmo que neste caso se trate de um referente masculino que não tem impedimentos, por exemplo, de posar para imagens com peitos de fora.

Figura 3 – Imagem de pessoa transmasculina gestante, sem camisa



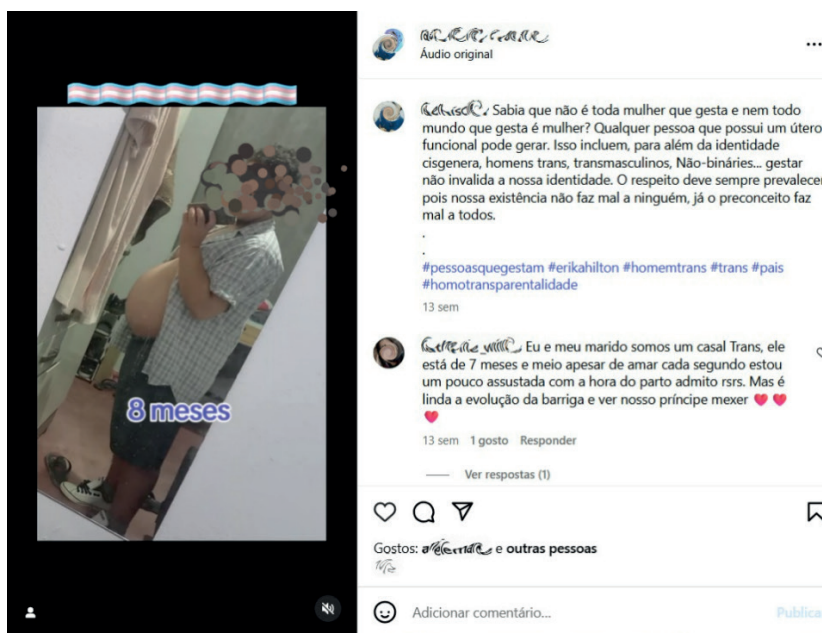
Fonte: Coleta de dados realizada pela autora (Instagram, 2025)

Texto: Hoje é dia de #tbt e trago aqui esse carrossel para provar que homem fica lindo grávido! <3 Eu amo esse ensaio, olhar e click

Existe, portanto, no universo identitário das pessoas que gestam, o exercício permanente de elaboração e de disputa entre os imaginários do que é ser gestante e do que é ser homem, camadas biopsicossociais que obrigatoriamente se fundem na existência concreta desses sujeitos, nos corpos deles e nas relações íntimas e sociais, em um processo no qual o Instagram funciona como um agente de enorme relevância, uma tecnologia de gênero que regula modos de aparecer, narrar e performar o corpo, a gravidez e a parentalidade, produzindo ruído no sistema sexo-gênero ao tornar inteligíveis experiências que tensionam a associação normativa entre gestação e feminilidade.

Nas pesquisas de Monteiro (2018, 2021), realizadas a partir das experiências de homens trans que tiveram filhos, a construção de suas masculinidades passava também pela negociação dos mesmos com suas crianças, que iam aprendendo no processo de transição que aquela figura que aprenderam a reconhecer como 'mãe', agora estava se tornando homem. No caso deste estudo, tanto pelas tecnologias de gênero presentes na escolha das vestimentas, quanto na escolha dos discursos para compor as legendas, evidencia-se um processo diferente, que inclusive não se encerra com as fotos dos corpos grávidos, mas continua com as imagens de seus bebês nascidos e da construção da relação de parentalidade criança/papai. Desconstrói-se um gênero (feminino/mãe) ao tempo em que constrói-se outro (masculino/pai), tanto pelo uso de recursos estéticos de desfeminização quanto pelas posições políticas/discursivas presentes nos textos das legendas, dentre os quais expomos a seguir um bastante ilustrativo.

Figura 4 – Imagem de pessoa transmasculina gestante, mostrando a barriga de perfil



Fonte: Coleta de dados realizada pela autora (Instagram, 2025)

Texto da legenda: “Sabia que não é toda mulher que gesta e nem todo mundo que gesta é mulher? Qualquer pessoa que possui um útero funcional pode gerar. Isso incluem, para além da identidade cisgênera, homens trans, transmasculinos, Não-binários... gerar não invalida a nossa identidade. O respeito deve sempre prevalecer, pois nossa existência não faz mal a ninguém, já o preconceito faz mal a todos.”

Como apontamos na discussão teórica a respeito do imaginário do corpo grávido como atributo naturalizado do feminino, percebemos que há nessa construção discursiva uma mistura de muitas problematizações, que não nasceram e nem se findaram nas subjetividades transgêneras. Talvez a questão imediatamente anterior seja a discussão sobre a gestação versus maternidade. Há tempos o campo feminista problematiza a questão da naturalização da maternidade a partir da capacidade que alguns corpos têm de gestar e parir, especialmente a existência de um suposto instinto materno, hoje tomado como um grande mito, principalmente depois da obra de Elizabeth Badinter (1985). Ter a maternidade legitimada sem necessariamente ter gestado, ou mesmo sem contar com material genético envolvido, tem sido uma grande vitória para inúmeras mulheres que conseguem optar por (e financiar) fertilizações *in vitro* em outras mulheres, ou que adotam seus filhos, por exemplo. Legitimação que se dá via discussão de gênero, e por meio de certa vitória dos movimentos feministas, que lutando pelo direito ao controle do próprio corpo, fertilizou também a ideia de uma maternidade por escolha e oportunidade, que ganhou força de debate na esfera pública. Este movimento acabou por abrir espaço para que hoje as mulheres trans também se possam afirmar mães, apesar de todos os tensionamentos dos diversos feminismos que seguem ativos e em disputa, mostrando que novos deslocamentos culturais, novas formas de interpretar a relação gestar/ser mãe acontecem a todo momento.

De maneira análoga, quando a maternidade deixa de ser tomada como uma consequência natural de uma gestação, também uma gestação se desprende da obrigatoriedade simbólica de resultar numa maternidade. Assim, o que podemos perceber nas publicações das pessoas que gestam, com suas respectivas legendas, é mais uma possibilidade de resignificação, que apontamos como achado desta pesquisa. Pois além de se afirmarem trans, essas pessoas, com seus corpos grávidos, também desestabilizam a ideia tradicional de maternidade porque se afirmam pais, defendem seu direito de serem

reconhecidos dessa maneira, e de serem respeitados como tal. Não é o construto cultural da maternidade, com todos os seus signos e práticas, mas o de paternidade, que passa a organizar seus papéis de gênero, conforme apresenta a figura a seguir.

Figura 5 – Imagem de um casal de homens, sendo um deles o pai parturiente



Fonte: Coleta de dados realizada pela autora (Instagram, 2025)

Texto: Me tornar pai ao seu lado é enxergar toda a possibilidade do meu ser e do meu corpo. Cris tirou a sorte grande. Obrigado.

É importante destacar essa questão porque o construto da paternidade, assim como o da masculinidade, parece reforçar a sensação de embaralhamento na idealização social dos gêneros, gerando intensa e repetitiva reação contrária por parte de diversos interlocutores. A cada nova postagem exibindo seus corpos grávidos, as pessoas que gestam produzem um movimento discursivo que vai naturalizando essa relação, esta condição de pai parturiente, de homem genitor. “Me tornar pai ao seu lado é enxergar toda a possibilidade do meu ser e do meu corpo”, como na legenda da postagem acima; ou “Deus te deu de presente pro papai nunca mais se sentir só”; ou “Hoje sou um homem completo por ser pai”, como nas legendas de outras postagens encontradas; são discursos que assumem a valoração das experiências dissidentes; mas que serão em grande parte contestados através dos comentários, em esforços, também discursivos, por deslegitimar os respectivos processos.

Nesses comentários valores como a natureza, a biologia e a religiosidade, reforçados pela estrutura tradicionalmente binária e cisheterossexual de perceber as identidades, emergem numa tentativa de apagamento dos novos papéis escolhidos pelas pessoas que gestam, dissidentes das normas. O interlocutor ainda não familiarizado com a aparente ambiguidade materializada à sua frente, do corpo grávido que é de um homem que se afirma como pai, responde a tal estranhamento contestando e contradizendo a experiência de autodeterminação narrada pela pessoa que gesta: se engravidou e pariu, então é mulher; então é mãe. É o que vemos nas figuras a seguir.

Figura 6 – Comentário em uma das publicações de pessoas trans coletadas para análise



Fonte: Coleta de dados realizada pela autora (Instagram, 2025)

Figura 7 – Comentário em uma das publicações de pessoas trans coletadas para análise



Fonte: Coleta de dados realizada pela autora (Instagram, 2025)

Conclusão

Olhando para nosso material empírico, para as estratégias discursivas presentes nos comportamentos, vestimentas e palavras, percebemos que as pessoas que gestam aqui observadas constroem suas masculinidades incluindo suas gestações como partes desse processo. À medida em que ninguém nasce mulher, mas torna-se por meio de processos culturais e simbólicos, como apontou Simone de Beauvoir no fim dos anos 1940, o que as performances das pessoas que gestam nos ensinam é que permanece em curso uma recusa da identidade como decreto, como algo determinado por quaisquer dos processos hegemônicos de poder, no âmbito da constituição dos sujeitos. A feitura dos gêneros permanece em curso, e as experiências que as pessoas que gestam protagonizam vão produzindo novos sentidos e possibilidades sobre gravidez, parentalidade, sexualidade, cuidado, direitos etc. E mesmo que seja difícil pensar numa construção tão estável como da figura tradicional do binômio mulher-mãe, Butler nos alerta que assim como o gênero se faz, ele também se desfaz, ou é desfeito, pelas próprias dinâmicas relacionais que o produzem.

Assim, quando acessamos as imagens das pessoas que gestam, contextualizando-as diante do fio histórico que teceu, que construiu, e que sustenta (ou não) as identidades de gênero, observamos que elas vão abrindo brechas, esgarçando essa aparente indissociabilidade entre as experiências do feminino e da maternidade. O Instagram acaba por funcionar como um espaço de produção e de circulação de sua autodeterminação de gênero, que também permite a subversão performativa: sujeitos que tensionam normas hegemônicas de gênero e corporalidade, como as pessoas trans, podem usar suas redes sociais para visibilizar outras formas de existência, rompendo com padrões normativos. Quando publicam suas imagens exibindo suas barrigas grávidas, as pessoas que gestam afirmam politicamente que esse lugar biopsicossocial da gestação também lhes pertence, sem que para isso precisem abrir mão do gênero que escolheram, das suas próprias dissidências, performando, por meio desse movimento, o processo de tornar-se homem genitor.

Referências

- ANDRÉA, C. D. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020. 79 p. (Coleção Cibercultura). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/320431>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- ARAÚJO, I. S. The symbolic market: a communication model for public policies. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, [S.l.], v. 8, n. 14, p. 165-77, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832004000100010>. Acesso em: 23 mar. 2026.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de W. Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BUTLER, J. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. Tradução de Sérgio Lamarão e Irene Pequeno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CAVALCANTE, C. C. **Percursos e sentidos do gestar e do nascer: trajetórias de gestantes em busca de cuidado no Sistema Único de Saúde**. 2019. 207 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43832>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- FÉRAL, J. Performance e performatividade: o que são os estudos performáticos? In: MOSTAÇO, E. *et al.* (Orgs.) **Sobre performatividade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2009, p. 49-86.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, H. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud/Thomas Laqueur**. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MOIRA, A. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p365>. Acesso em: 23 mar. 2026.
- MONTEIRO, A. A. Cavalos-marinhos: gestação e masculinidades trans. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 5., 2017, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2017. p. 1-10.
- MONTEIRO, A. A. "O nome dele é Gustavo, e ele é a minha mãe": reprodução e parentesco entre homens trans que engravidaram. **[SYN]THESIS**, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 28-39, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2021v14n2p28-39>.

org/10.12957/synthesis.2021.64351. Acesso em: 23 mar. 2023.

PEREIRA, P. L. N. **De barba e barrigão**: histórias de gestação e parentalidade de homens trans. 2021. 160 f. Tese. (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/handle/icict/56430>. Acesso em: 23 mar. 2026.

PEÇANHA, L. M. B. Resignificar e empoderar o corpo: Homem trans grávido e os desafios da adequação. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO O GÊNERO, 2., 2015, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2015. p.1- 5.

PEREIRA, D. M. R. **Representações sociais da gestação entre homens trans**. 2022. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/46255>. Acesso em: 22 mar. 2026.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, H. B. S.; SZWAKO, J. E. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, pp. 116-148.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “Economia Política” do Sexo. Recife: Editora SOS Corpo, 1993.

SARTI, C. A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902001000100002>. Acesso em: 23 mar. 2026.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 5-22, 1990. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TERRA, V. **Sou visto, logo existo**: eficácia, imagens de si e a instrumentalização do outro no Instagram. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. Disponível em: https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2024/09/Sou-visto-logo-existo-Selo-PPGCOM-UFMG-1-97jjq9.pdf. Acesso em: 20 mar. 2025.

Clarisse Castro Cavalcante é pesquisadora no campo da Comunicação e Saúde, doutora em Informação e Comunicação em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; redação do manuscrito; revisão de texto; e apoio na revisão da versão em língua estrangeira.

Kátia Lerner é pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, vice-líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Comunicação e Saúde, editora associada da Revista Interface, coordenadora do GT Comunicação e Sociabilidade da Compós. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; apoio na revisão de texto.